



O Desespero e a Consulta com Dr. Pedro

Clara estava, mais uma vez, no limite. Depois de refletir, pensar, matutar, relutar, enlouquecer e se entupir de cafeína, sonífero e cachaça — sim, cachaça, porque ela achava que isso deveria ser uma solução, como se o álcool fosse a resposta para qualquer coisa que não fosse a ressaca do dia seguinte — ela tomou a iluminada decisão de procurar ajuda profissional.

Claro, contou para a família, e como não poderia ser diferente, a mesa do café virou um circo de zoações.

"Gente, eu estou indo no psicólogo, tá? Resolvi que vou procurar ajuda, porque, sei lá, talvez eu seja a vilã da minha própria história e isso não está sendo legal."

Letícia, com a cara de quem estava morrendo de tédio, respondeu com um sorriso cínico, ainda meio abalada pela diarreia que os laxantes para cavalo lhe causaram: "Sério, Clara? Vai lá, vai! O psicólogo vai te dar a receita da felicidade e um certificado de 'boa pessoa'. Olha, vai fundo! Eu já tomei uns quantos laxantes e estou me sentindo bem melhor, então quem sabe o seu psicólogo também te faça virar um ser humano menos insuportável."

Berenice não perdeu a chance. "Sabe, Clara, eu acho que se você ficasse mais tempo com seus filhos e menos com a cabeça na merda que anda fazendo, talvez as coisas melhorassem, né?"

Mas Clara ignorou tudo e todos. Ela estava decidida. Ela pegou o telefone e ligou para Juliana, sua amiga hipocondríaca, mais conhecida como a 'jibóia do consultório'. "Oi, Ju, preciso de um psicólogo. Alguém bom e, se possível, barato."

Juliana, com a calma que só os hipocondríacos conseguem ter depois de 20 anos de terapia, sugeriu o Dr. Pedro: "Ele é direto, sem paciência, e se você for fresquinha, vai sair de lá mais louca do que entrou, mas ele é bom. E o preço é razoável, vai."

Clara, como sempre, não pensou duas vezes e marcou uma consulta para a parte da tarde. O único horário disponível do Dr. Pedro. Ela não se importava muito com os detalhes, apenas queria sair daquela espiral de caos e dor moral.

Tadeu, claro, acompanhou Clara, e não porque ele estava empolgado para a terapia. Na verdade, ele estava com medo de ser descoberto e humilhado. Dr. Pedro, com seu ar de bicho preguiça mal-humorado e inteligente demais para ser ignorado, fazia Tadeu se sentir como um mosquito tentando lidar com uma aranha. O fofinho fingiu ser uma criança de seis anos, totalmente inocente e bonitinho, só para não ser alvos dos comentários ácidos do psicólogo.

Quando chegaram ao consultório, Dr. Pedro os recebeu com um olhar preguiçoso, como um bicho preguiça que claramente não estava nem um pouco animado

para lidar com as neuroses humanas — e de Clara, especialmente. Ele estava lá, atrás da mesa, imerso no que parecia ser a pior parte do seu dia.

“Boa tarde”, disse ele com uma voz arrastada, sem levantar os olhos do papel em sua frente. “Clara, sente-se. Tadeu, você... não fala, certo?”

Clara, sem paciência para mais formalidades, se acomodou na cadeira, olhando diretamente para ele. “Eu vim aqui porque não aguento mais. Eu sou a vilã da minha própria vida, não sei o que faço de errado, não sei por que as pessoas me tratam como se eu fosse um monstro. E ainda assim, me encontro em uma crise existencial que não passa. O que você tem a dizer sobre isso?”

Dr. Pedro, olhando para Clara agora com mais atenção, não fez rodeios. Ele a analisou com um olhar direto, tão afiado quanto a lâmina de uma faca, sem uma pitada de simpatia ou paciência. “A culpa é sua. Bem feito. Você quer que eu diga o que você quer ouvir ou a verdade? Porque, no fundo, você já sabe a resposta.”

Clara, sem acreditar muito no que estava ouvindo, foi direto ao ponto. “Ah, claro, você não vai ter nenhum tipo de empatia, né? Vai me dar esse tipo de resposta seca. E acha que isso vai resolver alguma coisa?”

Dr. Pedro não se moveu, nem sequer se incomodou em disfarçar a frieza. “A empatia é para quem quer ser salvo, Clara. Você não quer ser salva. Você quer se fazer de vítima. E isso é o que você faz de melhor. Você vai sair daqui com a mesma sensação de que está perdida. Porque você está. E a verdade é que você não quer mudar.”

Clara, agora mais desconfortável do que nunca, tentou se manter firme. “Então você está me dizendo que estou ferrada? Que tudo o que eu faço é errado?”

Dr. Pedro fez uma pausa, respirou fundo e então, com um sorriso sardônico, disse: “Não, Clara. Eu estou dizendo que você está tão focada em tentar ser a heroína que se esqueceu de que, para ser herói, você primeiro precisa assumir a responsabilidade. E isso, minha cara, não é algo que você está disposta a fazer.”

E foi assim que a consulta de Clara se desenrolou. Sem piedade, sem rodeios, sem as palavras doces que ela esperava ouvir. Apenas a dura realidade de que a mudança nunca seria fácil. E que talvez, só talvez, ela fosse a maior vilã dessa história toda.